

**Entre Shakespeare e Guimarães Rosa:
duas visões de contemporaneidade através do feminino disfarçado**

Nathália Megale Barrios Benthner Narciso

RESUMO: Guimarães Rosa e William Shakespeare produziram em épocas distintas, no entanto suas obras, lidas hoje, podem ainda ser consideradas contemporâneas. O presente trabalho discutirá essa contemporaneidade, analisando *Do jeito que você gosta* de Shakespeare e *Grande sertão veredas* de Rosa, mais especificamente, por meio de um paralelo entre Rosalinda e Diadorim, personagens das respectivas obras.

1. Contemporâneo, modernidade e pós-modernidade

Contemporaneidade. Aqui também devem entrar questões relativas ao impasse da arte como moderna / pós-moderna. Seria bom, com base na bibliografia, tentar caracterizar os dois tempos, como momentos diferentes da contemporaneidade no sentido amplo. Como classificar uma obra como contemporânea? A época em que foi escrita a define ou o seu tema pode ultrapassar limites temporais? Essas são apenas algumas das perguntas que o trabalho pretende responder. Para tanto serão discutidas duas obras: *Grande Sertão Veredas* – Guimarães Rosa e *Do jeito que você gosta* – William Shakespeare.

Para entender o conceito de contemporâneo, ou de contemporaneidade, antes é preciso discutir o que se entende por modernidade e pós-modernidade. Nos dicionários o vocábulo modernidade recebe o significado de “tempos modernos”, “qualidade do que é moderno”, sendo moderno o tempo atual em que vive uma pessoa. Deste conceito depreende-se que o moderno estaria constantemente se renovando, pois cada novo momento seria o novo tempo atual em que a pessoa vive.

Como explicar então o pós-moderno? Ele deveria ser o que sucederia o moderno, mas a constante renovação do moderno deveria implicar na inaplicabilidade de algo que viesse depois.

Por isso o moderno deve ser estudado como uma categoria histórica que tem início com a imposição da razão ao pensamento do homem. Surge então a partir da

ruptura da ideia de que todo e qualquer conhecimento e acontecimento só poderiam ser explicados pela razão divina.

A modernidade, segundo Fernando Guilherme Tenório (2009), parecia ter sido formada no século XVI, buscando libertar o homem das amarras que as crenças religiosas impunham e, assim, criando o homem moderno.

A pós-modernidade por sua vez seria formulada nas primeiras décadas do século XX e indicava uma mudança no pensamento estético.

De acordo com essa divisão temporal, deduz-se que Shakespeare teria produzido *Do jeito que você gosta* na modernidade e Guimarães Rosa teria produzido *Grande Sertão Veredas* na pós-modernidade.

É comum que o leitor médio confunda os significados de contemporâneo e de atual, sendo que apenas o segundo diz respeito diretamente a algo produzido nos dias de hoje. Um obra hodierna não necessariamente tem que ser contemporânea da mesma forma que um texto clássico pode se manter contemporâneo.

É justamente o que coloca Giorgio Agamben (2009, pag. 59), ao destacar a relação de sincronia e diacronia presentes na análise de um texto como contemporâneo. Um texto se mantém contemporâneo não tanto pelo tempo em que foi escrito, mas mais pelo tempo em que é lido. No momento em que o texto é lido pode ocorrer uma identificação entre leitor e obra e quando isso ocorre, promove-se a contemporaneidade.

A sociedade está em constante mutação e durante esse processo certos temas se tornam, ou deixam de ser, contemporâneos. Por isso, o essencial é verificar o tema do texto e não ficar preso ao contexto histórico e ao tempo cronológico em que ele foi escrito. A contemporaneidade de uma obra não se encontra no próprio produto, vai depender de como nos aproximamos da obra.

Entres as obras específicas de Shakespeare e Guimarães Rosa que este trabalho pretende explorar, existem similaridades e dissonâncias. O conjunto dessas características é o principal responsável por elas se manterem contemporâneas mesmo anos depois de terem sido escritas. Não se trata apenas da presença de temas que de certa forma são atemporais. É mais um caso de como eles foram tratados, e como eles conseguem tocar o leitor de hoje, provocando a identificação dele com a obra.

Em particular, será estudado neste trabalho a presença de duas heroínas uma em cada obra. Como elas se comportam em seus respectivos universos e como isso se reflete numa leitura realizada hoje.

Para ser verdadeiramente contemporâneo, o artista tem de estar em dissonância com o seu próprio tempo, o tempo em que vive e produz. Esse afastamento do seu tempo permite que o artista o entenda melhor e produza algo que vá se manter além deste tempo.

Essa noção de contemporaneidade, no entanto, não deve ser mau interpretada, pois não significa que contemporâneo é aquele que vive em um tempo que não é o seu, um saudosista de tempos passados por exemplo. Isso significa que deve ser buscado um equilíbrio, pois não se pode estar preso aos parâmetros do próprio tempo, mas ao mesmo tempo não é possível buscar refúgio nos parâmetros de um tempo passado e ainda ser considerado contemporâneo.

Não há homologia perfeita entre a arte e o tempo, no sentido de que a arte é algo feito para ter uma saudável rebeldia contra o tempo. Por isso o artista contemporâneo apresenta uma disjunção relativa ao seu próprio tempo.

Essa disjunção pode estar relacionada ao próprio ato de ler ou de escrever, enfim, ao ato de produzir arte. Como se no momento em que a leitura estiver sendo feita, ocorra uma identificação entre o leitor e a obra, promovendo-se o efeito da contemporaneidade.

Outra dicotomia de tempos que o conceito de contemporaneidade traz consigo é o de tempo do indivíduo/tempo coletivo, sendo este muito mais amplo do que o anterior.

Contemporaneidade não é um conceito rígido, engessado, tem mais de uma definição podendo ser visto como a ruptura do tempo, como já discutido, e ainda como a obscuridade, que seria uma visão focada além do óbvio, do que está claro e nítido de ser percebido, vai além do óbvio ou do esperado.

Giorgio Agamben (2009, p. 63-64) coloca esse conceito de escuridão contemporânea da seguinte maneira: “pode-se dizer contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, sua íntima obscuridade”.

É perceptível que os dois conceitos de contemporaneidade apresentados lidam com a ideia de dualidade. No primeiro conceito, a dualidade se apresenta no fato que o artista precisa conscientemente se libertar das amarras de seu próprio tempo sem acabar por se prender às amarras de um tempo passado, quase como tivesse de se manter em um meio termo. Dessa forma, sua produção será tida por contemporânea no passo que será atemporal.

No segundo conceito, a dualidade se apresenta no próprio contraste de luz e escuridão. É valorizar a escuridão, valorizar o que não é tão imediatamente perceptível sem ignorar o elementos presentes no que esta iluminado pelo tempo, o que se destaca mais. Isso porque o escuro que é par da luz se contrapõe à ela.

Nessa linha de dicotomia e dualidade tem-se também o pós-modernismo, que na verdade, em geral, refere-se a uma forma de cultura contemporânea.

Já a pós-modernidade alude a um período histórico com uma maneira de ver o mundo como “contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas, gerando um certo grau de ceticismo em relação às idiossincrasias e à coerência de identidades.” (EAGLETON, 2008)

Essa visão da pós-modernidade seria baseada em circunstâncias concretas relacionadas à mudanças históricas nos campos econômicos e sociais que culminariam em uma produção artística por vezes até superficial. Muitos dos artistas buscavam focar sua produção em um tempo que não o seu próprio, o que seria condizente com a noção de contemporaneidade anteriormente apresentada, no entanto, acabavam se fixando tanto em estar a frente do seu tempo, que se prendiam a uma visão de tempo futuro e o que seria esperado neste tempo futuro.

O pós-moderno tem suas próprias características contrastantes, já que é simultaneamente radical e conservador. O que nos traz a um problema chave do pós-moderno, o demasiado apego a propostas teóricas que não se adequam ao que está sendo produzido. Isso gerou uma característica comum hoje, em que primeiro seria criada a teoria e depois o texto seria produzido já para se encaixar na teoria, de tal maneira que o texto acaba perdendo sua autonomia e por consequência sua contemporaneidade, já que estaria restrito aquela teoria daquele determinado tempo.

2. Visão crítica das obras e a contemporaneidade de seus autores

Shakespeare foi um dramaturgo e poeta inglês renomado autor de mais de trinta peças teatrais, entre elas comédias, tragédias e obras históricas. Ficou particularmente conhecido por suas tragédias, entre as quais estão *Romeu e Julieta*, *Macbeth*, *Hamlet* e outras. Algumas de sua comédias são mais populares, como *Sonhos de uma noite de verão* ou *A megera domada*. *Do jeito que você gosta* não é um de seus trabalhos mais famosos, mas nem por isso deixa de ter suas particularidades e sua própria importância.

Do jeito que você gosta trabalha com dois núcleos principais de personagens, a família de Boys, da qual faz parte o herói, o protagonista, Orlando, e a corte do

Duque usurpador, da qual faz parte a heroína, a protagonista, Rosalinda. Orlando é o terceiro filho, e o mais novo, de Sir Rowland de Boys. Jovem idealista que se sente menosprezado pelo irmão mais velho, que como primogênito herdou a maior parte dos bens do pai. Fugindo de seu irmão mais velho, que decide matá-lo, vai viver na floresta onde o Duque usurpado vive como um Robin Hood e se junta ao seu bando. Rosalinda é a filha do Duque usurpado, mas foi criada na corte que deveria ser de seu pai junto com sua prima Célia, a quem ama como uma irmã. Quando é expulsa de casa se disfarça de homem atendendo pelo nome de Ganimedes e vai viver na floresta.

Os protagonistas se conhecem brevemente na corte do Duque usurpador e de pronto já existe uma atração inicial que Rosalinda já chama de amor.

Rosalinda e sua prima Célia tinham uma relação tão próxima que Célia decide fugir junto com Rosalinda, e como ela, se disfarça, passando a atender pelo nome de Aliena. Acabam indo parar na floresta de Ardem, onde passam a viver como camponesas, Rosalinda mantendo seu disfarce de homem para a sua proteção e a de sua prima. Como já foi dito, para escapar de Oliver, seu irmão mais velho que quer matá-lo, Orlando foge para a floresta de Ardem onde se une ao bando do Duque usurpado. Ainda na floresta, Orlando encontra Rosalinda só que esta disfarçada de Ganimedes. Ela convence Orlando que vai curá-lo de sua paixão (Orlando corresponde ao amor que Rosalinda nutre por ele). Pede então que ele a corteje como se fosse sua amada. Faz isso para testar a sinceridade do amor de Orlando por ela e ao mesmo tempo para ensiná-lo a amar de verdade.

Oliver é enviado a floresta pelo Duque Frederico, pai de Célia, para procurar por seu irmão Orlando, pois o Duque suspeita que com ele encontrará sua filha fugitiva. Na floresta, acaba tendo a vida salva por Orlando e com isso esquecendo o rancor que tinha pelo irmão, na sequência conhece Célia e se apaixona por ela, tendo seu sentimento retribuído.

Orlando leva Rosalinda até seu pai, o Duque usurpado, ainda achando que se trata de Ganimedes. Rosalinda então revela sua identidade.

O pai de Rosalinda é restituído e sob os auspícios de Himeneu, deus do casamento, são realizados 4 casamentos, o de Rosalinda e Orlando, o de Célia e Oliver, o do camponês Silvius e da camponesa Phebe e o do bobo Touchstone e da camponesa Audrey.

Entre as peças teatrais de Shakespeare, as comédias românticas nos confundem mais e são também as mais difíceis de serem compreendidas e apreciadas

pela platéia ou leitores modernos. Estamos muito mais acostumados ao colóquio dramático de Shakespeare, tanto que por vezes não apreciamos o uso do bobo como figura crítica e que por meio do humor cumpria o papel de revelar o caráter humano. (THOMPSON, 1952, p.2)

Essas peças podem parecer antiquadas e até ingênuas. Os elementos comuns de vilões que se convertem, heróis tolos, heroínas sábias, exigiriam demais da capacidade do público de suspender o conceito de crença razoável para imergir no universo apresentado. (idem, 1952, p.2)

As considerações mencionadas podem ser válidas se tratarmos estas comédias shakespearianas como outras da mesma época, mas a verdade é que em se tratando de Shakespeare é necessário alterar o ponto de vista e ajustar a receptividade, bem como uma bagagem de conhecimento prévio, o que coloca suas comédias em um patamar que não é tão superficial quanto poderia ser discutido. (idem, 1952, p. 2)

Essa necessidade de um entendimento prévio é o que mais interfere de maneira negativa na forma que as comédias românticas são recebidas, pois esse conhecimento prévio está muito ligado a elementos de uma tradição, que não é a da vivência do espectador ou leitor. (idem, 1952, p.3)

Trata-se de um argumento que poderia ser válido em um tempo entre o atual e o em que a peça foi escrita, pois a tradição mencionada era composta por temas de realeza, referências e situações que remetiam à corte. No entanto, hoje essa realidade já foi por diversas vezes trabalhada em obras literárias modernas (até mesmo em contos de fadas) e em filmes. Portanto, ainda que não seja parte da realidade do leitor/espectador este tem a bagagem de conhecimento básica necessária para fazer sentido da temática das comédia românticas shakespearianas. Fazendo isso, podem se relacionar com as experiências dos personagens, principalmente, porque, apesar de toda essa temática peculiar, o subtexto da peça muitas vezes é atemporal, podendo abarcar situações atuais e contemporâneas.

No caso de *Do jeito que você gosta*, temos uma briga por poder, o afastamento de quem teria efetivo direito a um cargo, disputas familiares, romance e muito mais. Só com esses exemplos iniciais já é possível traçar paralelos com temas abordados inclusive em *Grande sertão veredas*. Por exemplo: quanto à situação da tomada de poder em *Do jeito que você gosta* o duque Frederick usurpa a corte de seu irmão mais velho, o Duque legítimo, que acaba se exilando na floresta com alguns nobres que lhe eram fiéis.

Em *Grande sertão veredas* já é apresentada uma troca de alianças no início, pois Riobaldo primeiro lutou ao lado do bando de Zê Bebelo, um fazendeiro que tinha o intuito de acabar com a atuação dos jagunços. Enquanto parte do bando de Zê Bebelo, Riobaldo luta contra o jagunço Hermógenes, que logo foge da batalha. Ao encontrar Reinaldo, que conheceu quando criança, Riobaldo resolve se juntar ao bando de jagunços de Joca Ramiro, o grande chefe dos jagunços. No entanto, o acontecimento de *Grande sertão veredas* que realmente pode ser visto como paralelo a usurpação do título de duque apresentada em *Do jeito que você gosta* é a traição de Hermógenes e Ricardão, dois líderes jagunços, que matam Joca Ramiro.

Fica evidente que em ambos os livros ocorre a transferência de poder precedida por uma traição, sendo que em *Grande Sertão Veredas* essa traição resulta em morte e em *Do jeito que você gosta* ela resulta apenas no exílio do Duque legítimo.

Na própria história esse é um elemento comum, não só em países monárquicos, mas no próprio Brasil. É possível traçar um paralelo entre o elemento comum da tomada de poder com a queda do presidente eleito João Goulart, que dá início a ditadura militar no Brasil, afinal, nesse caso, o presidente que, por direito, exercia o cargo é destituído deste cargo por um golpe, vindo outro a assumir o controle do Estado.

Justamente essa possibilidade de se traçar um paralelo entre o que é descrito nas obras e os acontecimentos reais é que influencia na caracterização da contemporaneidade das obras. As situações descritas por si só podem ser peculiares a uma época, como em *Do jeito que você gosta*, ou a uma região e um povo, como em *Grande sertão veredas*, mas as emoções e as críticas que colorem o fundo dessas obras são relacionáveis a qualquer tempo.

O texto de *Grande sertão veredas* é uma das obras mais elogiadas da modernidade, por sua linguagem e originalidade de estilo. Além disso, apesar de ter sido publicada em 1956 trata de temas que ainda se mostram coerentes mesmo nos dias de hoje. Partindo de uma argumentação mais geral, demonstra um elemento comum na literatura que é a alternância do poder e a luta que vêm como consequência disso, mas indo além, fala da vida difícil daqueles que vivem nas regiões mais áridas do Brasil, fala de lealdade, de honra e de batalhar por um objetivo. Tudo isso pode ser refletido nos dias de hoje.

Grande Sertão Veredas conta a história de Riobaldo que no início do livro é apresentado como um fazendeiro rico de Minas Gerais, que narra sua história pregressa a um ouvinte não identificado. Conta como quando era criança e morava com a mãe conheceu o menino Reinaldo, de quem ficou amigo. Com a morte da mãe, Riobaldo vai morar com seu padrinho na fazenda São Gregório. Lá conhece Joca Ramiro, grande chefe dos jagunços.

O livro trata principalmente de dois grandes conflitos, o primeiro é entre o fazendeiro Zé Bebelo, que lidera soldados do governo, e o bando de jagunços liderado por Hermógenes. Nessa primeira grande batalha, Riobaldo lutou ao lado de Zé Bebelo. Eventualmente, Hermógenes foge da batalha e Riobaldo decide abandonar o grupo de Zé Bebelo e mais adiante encontra Reinaldo, seu amigo de infância. Riobaldo decide então seguir Reinaldo, que faz parte do bando de jagunços de Joca Ramiro. A amizade de infância vai se fortalecendo e Reinaldo revela que seu nome verdadeiro é Diadorim.

Na batalha entre Joca Ramiro e Zé Bebelo, este é capturado e julgado pelo tribunal composto pelos líderes jagunços, sendo Joca Ramiro o chefe supremo e quem determina a decisão final. Joca Ramiro sentencia que o prisioneiro seja solto na condição que ele vá para Goiás e não volte.

Mais adiante na história, é noticiado que Joca Ramiro foi traído e morto por Hermógenes e Ricardão, que ficam conhecidos como “os judas”. Tem início então o segundo grande conflito da obra, entre os assassinos de Joca Ramiro e os jagunços liderados por Zé Bebelo, que retorna para vingar a morte de seu salvador. No correr da batalha Riobaldo acredita ter feito um pacto com o diabo para que pudessem vencer o bando de Hermógenes. Ele assume o nome de Urutu-Branco, passa a liderar o bando quando Zé Bebelo deserta.

A luta final chega ao ápice em terras baianas, e numa luta sangrenta Diadorim enfrenta Hermógenes, com ambos morrendo ao final. Riobaldo descobre então que Diadorim na verdade é mulher e filha de Joca Ramiro, e que seu nome verdadeiro é Maria Deodorina da Fé Bittancourt Marins.

Riobaldo tem dois interesses amorosos ao longo do livro, sendo um deles Diadorim e o outro Otacília. Ele resiste a sua atração por Diadorim por acreditar que se trata de um homem, por mais que constantemente repare nas qualidades valorosas de Diadorim, que só em morte é revelada como mulher. Riobaldo fica muito abalado com a morte de Diadorim, principalmente, quando percebe que a paixão que sentia

poderia ter sido consumada. É o amor de Otacília que o ajuda a superar a perda. Os dois se casam e ainda estão juntos no final do livro.

Grande Sertão Veredas é uma obra icônica da literatura brasileira e tem uma narrativa complexa, em primeira pessoa, que por vezes pode confundir o leitor. Isso porque em meio a narração dos fatos Riobaldo fica pausando para fazer digressões e considerações. A obra é apresentada como um grande monólogo, no qual o protagonista Riobaldo relembra os acontecimentos de sua vida. As pausas que o narrador faz, em meio a recontagem dos fatos para suas considerações, são fundamentais para o aprofundamento da interpretação da história a ser contada, pois traz nova dimensão aos fatos.

Essa narração introspectiva auxilia na possibilidade de se fazer uma leitura contemporânea da obra, uma vez que cada leitor interpreta os fatos a sua maneira, podendo, até em certos momentos, discordar das considerações do narrador.

Os dois textos aqui trabalhados apresentam o fenômeno da adequação do personagem ao meio, que é uma realidade não só para os personagens, mas também para os leitores que, de certa forma, adequam sua leitura e sua interpretação a sua própria realidade. Em *Do jeito que você gosta* Rosalinda, seu pai, Orlando e até Célia passam de ricos a pobres. Inclusive em uma passagem da peça o pai de Rosalinda, enquanto ainda estava exilado na floresta, contempla a nobreza de uma vida mais simples.

“E então, meus companheiros e irmãos de exílio, os antigos hábitos não fazem a vida mais doce do que o luxo enganador? Não são estas matas mais livres de perigos do que a cidade maliciosa? (SHAKESPEARE, 2011, p. 35)

Já em *Grande Sertão Veredas* a situação é inversa, pois Riobaldo cresceu passando por dificuldades, viveu a vida árdua e cheia de batalhas dos jagunços para depois se tornar um fazendeiro rico.

São duas formas inversas de mostrar como as experiências da vida moldam o caráter e a personalidade de uma pessoa.

Dessa forma, é possível perceber que uma obra se refaz com cada nova leitura. Isso porque o leitor, inevitavelmente, coloca um pouco de si no que está lendo, já que faz a leitura baseando-se em suas experiências e conhecimentos prévios.

3. O feminino disfarçado em cada uma das obras

Ambas as obras discutidas apresentam personagens femininos travestidos de homens e em ambos os casos o que é inferido é que tal escolha foi feita para que cada uma das personagens estivesse mais segura nos meios em que viviam. No entanto, a

maneira como cada personagem se comporta, enquanto fingindo ser do sexo oposto, é drasticamente diferente. As duas personagens podem ser analisadas quase como opostos.

Rosalinda só se disfarça já mais velha, e cronologicamente, passa pouco tempo vivendo sob esse disfarce. Talvez por isso sua personalidade feminina transpareça de maneira mais intensa pelas brechas de sua falsa *persona*.

Quando Rosalinda encontra Orlando na floresta seu disfarce perde caráter e passa a ser usado como ferramenta de ilusão no intuito de testar o amado. A partir desse momento, a necessidade de proteção na floresta deixa de ser a motivação principal da personagem para continuar fingindo ser Ganimedes.

Diadorim por sua vez já se vestia de menino desde criança, tanto que em seu primeiro encontro com Riobaldo se apresentou como Reinaldo. Seu disfarce é acima de tudo uma maneira de se proteger no meio em que vive, já que está constantemente rodeada de homens e vive uma realidade de constantes lutas.

Enquanto Rosalinda apenas se passa por homem, Diadorim quase tem de se tornar um homem, o que é uma condição que já lhe vem com naturalidade, pois cresceu envolta pelo seu disfarce.

Rosalinda representa a idealista, enquanto Diadorim representa a realista. Isso pode ser percebido na forma como se entregam ao amor que sentem pelos seus respectivos co-protagonistas. Rosalinda vivencia o amor a primeira vista, se declara apaixonada por Orlando antes mesmo de sequer ter tido uma interação particular com ele. Usa como argumento para justificar esse amor até o respeito que seu pai tinha pelo pai de Orlando.

O que Diadorim sente por Riobaldo é um amor mais maduro, que teve a oportunidade florescer com a convivência, ainda que seu amado não a tivesse como mulher. O seu disfarce masculino não foi capaz de impedir que o sentimento brotasse também no peito de Riobaldo. Ele até tenta resistir, pois acreditava estar sentindo atração por outro homem e relacionamentos homossexuais eram extremamente tabu no meio jagunço. Eventualmente, ele aceita seus próprios sentimentos, mas não age sobre eles, mantendo com Diadorim apenas uma relação de amizade, ainda que uma amizade muito próxima.

Entretanto não se deve fazer uma análise generalizada do comportamento de Diadorim enquanto disfarçada de homem, pois ela também ainda era, no fundo, uma mulher. A feminilidade de Diadorim está no que não é dito, entre cada um de seus

gestos medidos. Nas palavras de Camila Doval:

“É no silêncio que o ser feminino se esconde (...)A mulher silenciada não desaparece. Ela se movimenta no silêncio. Riobaldo, diante das ‘calças de vaqueiro, em couro de veado macho, curtido com aroeira-brava e campestre’ (apud ROSA, 2001, p.241) e da ‘torta-cruz das cartucheiras’ (apud ROSA, 2001, p.822), apenas enxerga; esquece de escutar.”

Sobre o silêncio de Diadorim, outra análise interessante se baseia na forma que sua história foi contada. Quando vivenciou os fatos narrados na maior parte do livro Riobaldo não fazia ideia de que Diadorim era mulher, no entanto quando passa a narrar sua história não só sabia desse fato como já tinha sofrido bastante pelo amor que poderia ter sido. Esse conhecimento interfere um pouco na narrativa, trazendo uma transparência maior à percepção da verdadeira natureza de Diadorim. (DOVAL)

Entre Orlando e Rosalinda a dinâmica era diferente. Mesmo vestida de homem, Rosalinda convence Orlando a praticar com ela as declarações de amor que ele pretendia recitar para sua amada, sem que ele soubesse que já o estava fazendo. Nesse sentido, ela vivencia o amor de Orlando ainda que esteja vestida de homem, e sob o argumento de estar ajudando o rapaz quase pode reagir às declarações como ela mesma.

Além disso, o fato de não ser o narrador um personagem participante da história, e portanto, conhecedor do segredo de Rosalinda ao narrar os acontecimentos, permite que se tenha uma descrição com menos interferências de como Rosalinda se apresentava enquanto fingindo ser Ganimedes.

Outra diferença basilar na representação dos dois personagens femininos travestidos de homens está na consumação do amor. Rosalinda, no final do livro, se revela ao seu amado reassumindo sua própria identidade. Diadorim morre antes que possa tomar a mesma decisão, e só após sua morte o objeto de sua afeição fica sabendo de sua verdadeira natureza.

Do jeito que você gosta foi escrito em uma época em que as mulheres eram tidas mais como posse ou adornos do que como indivíduos. Então o ato de se disfarçar como homem dava a personagem feminina uma liberdade de expressão que de outra forma não teria. Essa foi uma realidade que se sustentou por muitos anos ainda na história, principalmente se considerarmos que até relativamente pouco tempo atrás, as mulheres sequer podiam votar.

Grande Sertão Veredas já foi escrito em uma época mais permissiva para as mulheres, contudo, nessa obra específica, o que impera na decisão da personagem de

travestir não é a época, mas o meio em que se encontra. Ainda hoje existem meios em que por mais que seja reconhecida a presença de mulheres, estas tem maior autonomia e liberdade se agirem como homens.

Vivemos uma realidade ainda permeada por padrões de “dois pesos e duas medidas”. Dessa forma, é totalmente plausível considerar as obras *Grande Sertão veredas* e *Do jeito que você gosta* como contemporâneas, se por nenhum outro motivo, pela forma como trabalham os conflitos de seus personagens femininos escondidos sob a máscara do masculino.

Referências

AGAMBEM, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Santa Catarina: Argos, 2009.

BECKMAN, Margaret Boerner. *The Figure of Rosalind In As You Like It*. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2869168> . >. Acesso em: 22 jun. 2013.

CAMARGO, Fábio Figueiredo (Org.); TONDINELI, Patrícia Goulart (Org.); BORGES, Telma (Org.). *Ser tão João*. São Paulo: Editora Annablume. 2012.

CÂNDIDO, Antônio. *Personagem de ficção(a)*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DOVAL, Camila Canali. *Diadorim: sereia silenciosa e silenciada do sertão*. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/pdf/camiladoval.pdf>>.

Acesso em 22 jul. 2013.

EAGLETON, Terry. “Introdução” e “Contradições”. In: *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GARBUGLIO, José Carlos. *O mundo movente de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1972.

HAZLITT, William. *Characters of shakespeare's plays*. London: Oxford Univ Press, 1952. 287 p

RAMOS, Ivana Pinto. *Diadorim: o feminino escondido nas vestes de jagunço*. Disponível em: <http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/ivana_pinto.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2013

ROSA, João Guimarães,. *Grande sertão: veredas*. 18. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, c1984.

SHAKESPEARE, William. *Do jeito que você gosta*. Tradução: Rafael Raffaelli. Florianópolis: editora UFSC, 2011.

TENÓRIO, Fernando Guilherme. *A modernidade e a pós-modernidade servidas em dois jantares*. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512009000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2013.

THOMPSON, Karl F. *Shakespear's Romantic Comedies*. Disponível em: <
<http://www.jstor.org/stable/459960>>. Acesso em: 22 jun. 2013.

TRAVERSI, D A. *Approach to shakespeare(an)*. 2. ed. Glasgow: Sands, 1938. 304 p